

O RADIOJORNAL COMO FERRAMENTA DE ENSINO ATRAVÉS DE UMA RÁDIO UNIVERSITÁRIA

SILVA, Tátilla Pereira¹
CANASSA, Cristiane Peres.²
ZAIATZ, Vanessa A. Anderle.³
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata.⁴
RADAELLI, Patricia Barth.⁵

RESUMO

O presente artigo traça um perfil das características do rádio enquanto veículo de comunicação e sobre o ensino do Radiojornalismo nas escolas de Jornalismo do Brasil. O meio de comunicação ainda se mostra presente de forma significativa no cotidiano dos brasileiros, permanecendo no topo dos meios de informação da população. A análise bibliográfica foi realizada com base na utilização do radiojornal como ferramenta de ensino dos acadêmicos de Jornalismo. Tendo em vista que as atividades práticas têm o intuito de colocar o aluno próximo à prática da futura profissão, o estudo evidencia de que forma a participação, destes acadêmicos, em todas as etapas de um radiojornal, pode favorecer a formação dos jornalistas nas Instituições de Ensino Superior.

Palavras-chave: Rádio, Radiojornalismo, Radiojornal, Jornalismo

INTRODUÇÃO

A formação acadêmica perpassa pelo equilíbrio entre os conhecimentos teórico e os práticos necessários para o exercício de uma profissão. Nos cursos de Jornalismo, a constante evolução no universo da Comunicação exige que as ferramentas de ensino sejam continuamente avaliadas. Entre as disciplinas práticas, estão as de Radiojornalismo, que têm a função de ensinar quais as especificidades desse meio de comunicação.

Entre os instrumentos de ensino das disciplinas relacionadas ao tema, está o radiojornal; programa que pode incluir entrevistas, reportagens, boletins e entradas ao vivo. Essa atividade é uma forma de inserir o acadêmico na prática da profissão, na maioria, das

¹ Pós-graduanda do curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior do Centro Universitário FAG. Graduada em Jornalismo. E-mail: tatila@fag.edu.br.

² Pós-graduanda do curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior do Centro Universitário FAG. Graduada em Jornalismo. E-mail: canassacris@gmail.com.

³ Pós-graduanda do curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior do Centro Universitário FAG. Graduada em Administração. E-mail: anderle.vanessa@gmail.com.

⁴ Professor do Centro Universitário FAG. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócios. Graduado em Economia. E-mail: Eduardo@fag.edu.br.

⁵ Professora do Centro Universitário FAG. Doutora em Linguagem e Sociedade. Mestre em Linguagem e Sociedade. Graduada em Letras Português e Inglês. E-mail: patriciab@fag.edu.br.

vezes, transmitindo a produção em uma emissora da Instituição de Ensino Superior ou ainda em uma emissora comercial parceira.

Este trabalho, assim, justifica-se pela dedicação para detectar qual a eficácia desse tipo de ferramenta para o ensino de Radiojornalismo, uma vez que as práticas de rádio laboratoriais estão contempladas em todas as grades da graduação.

A investigação se deu com a pesquisa bibliográfica, de caráter dialético, com a organização de fichamentos e análise de conceitos para a distribuição das contextualizações teóricas dos autores.

Para essa discussão, foram buscados autores de relevância no meio radiofônico, como Luiz Artur Ferrareto e Eduardo Meditsch, que conceituam e contextualizam a prática jornalística nesse segmento. Também foi encontrado grande suporte no I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo - evento que gerou um trabalho de Luciano Victor Barros Maluly e Suely Maciel. A pesquisa teve como embasamento também estudos que confirmam a permanência do rádio como um dos meios de comunicação preferidos dos brasileiros.

RÁDIO: A ERA DE OURO NÃO ACABOU

Apesar da importância do veículo para a vida nacional, o rádio figura, normalmente, como um meio menor, sempre ameaçado pelos veículos que lhe sucederam. Primeiro a televisão e, recentemente, a Internet: adventos de grande impacto que colaboraram para formação da imagem do rádio como um veículo obsoleto e ultrapassado. No entanto, ainda hoje, quase 90 anos após as primeiras transmissões no Brasil, o rádio se mantém como um dos meios de comunicação de maior alcance. Segundo informações do Grupo de Mídia São Paulo³, a penetração do rádio é de 78% em todo o país.

No Brasil, o rádio surge em 1922, tendo como ápice o período compreendido entre 1930 e 1950, conhecido como “A Era de Ouro do Rádio”. As simples leituras das manchetes do dia deram lugar às grandes coberturas, com a exploração das formas de expressividade do rádio (MELLO VIANA, 2009).

Na década de 40, por exemplo, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro transmitia 14 novelas, no mesmo período (ORTRIWANO, 1985). O rompimento de todo este momento mágico para o rádio chegou, exatamente, em 18 de setembro de 1950, quando Assis

³ Disponível em: <http://www.gm.org.br/>

Chateaubriand trouxe a televisão para o Brasil. Com o passar do tempo, o novo meio começou a ganhar público. Os artistas favoritos e os cenários estavam ali, não precisava mais imaginar como eles eram. Foi aí que, na casa do brasileiro comum, o rádio deixou a sala de visitas para a televisão e passou a ter de competir com ela e demais fontes de informação ou outras atividades simultâneas, sendo que quase todos estes meios contam com estímulos visuais.

RÁDIO NO MEIO ACADÊMICO

José Marque de Melo (2007) aborda a necessidade de que, cada vez mais a formação do aluno de jornalismo o insira em situações práticas. De acordo com ele, ainda existe no universo acadêmico do curso de Jornalismo tensões entre teoria e prática. Diante desse cenário, ele pontuou a necessidade de o ensino de jornalismo ser repensado para entrar em consonância com o que o novo século exige.

Com foco na qualificação profissional, a Federação Nacional dos Jornalistas, em 1997, elaborou um documento chamado “Propostas de bases para a formulação do programa nacional de estímulo à qualidade da formação profissional dos jornalistas”. O documento estabelece diretrizes para o estímulo de melhoria na qualidade da formação do futuro profissional. De acordo os profissionais devem ser capacitados para:

- a) o emprego eficiente de linguagens próprias da atividade jornalística nas distintas modalidades correspondentes aos diversos veículos de comunicação existentes;
- b) o domínio dos processos de gestão de recursos humanos, materiais e financeiros inerentes à produção jornalística, considerando os diversos tipos de veículos e empreendimentos de portes diversos;
- c) o planejamento de produtos e atividades jornalísticas e empreendimentos de comunicação que viabilizem a produção jornalística (FENAJ, 1997, p. 9)

Essas Diretrizes convalidam o fato de que o acadêmico de Jornalismo precisa adquirir, no decorrer da graduação, conhecimentos que o permitam exercer a profissão nos diferentes meios de comunicação. Uma das áreas à disposição para atuação é o Radiojornalismo, que está em constante transformação frente às inovações tecnológicas, como a internet, por exemplo.

Apesar de a existência do rádio ter sido questionada por diversas vezes perante às novidades que o sucederam, ele ainda se sobressai como meio de comunicação de impacto. A versatilidade do meio foi intensificada com a internet, fazendo com que o rádio permaneça

como uma companhia onipresente: no carro, na cozinha, no trabalho, no celular. De acordo com pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), o rádio continua sendo considerado o segundo meio de comunicação mais usado, principalmente entre as 6h até as 9h da manhã - a televisão encontra-se na primeira posição.

Diante da relevância do rádio, especialmente para o exercício do Jornalismo, o ensino do meio precisa passar por uma análise contínua, uma vez que o futuro do meio será influenciado pelos profissionais em formação no meio acadêmico.

É primordial para o profissional de comunicação o conhecimento detalhado e profundo de um veículo com tantas características de linguagem, programação e diversidade de recursos técnico-profissionais. É indispensável que o domínio amplo seja adquirido desde o período de formação. (MAGNANI; CARVALHO, 2007)

A partir dessa visão, o acadêmico precisa ter uma compreensão do meio como um todo. Em relação à programação radiofônica voltada ao Jornalismo, Luiz Artur Ferrareto (2001), elenca uma subdivisão: síntese noticiosa, edição extra, toque informativo, informativo especializado e radiojornal. A presente pesquisa, porém, restringe-se a este último item. Radiojornais são programas que duram entre segundos e horas e divulgam notícias dos mais variados tipos, utilizando sons e locução por repórteres e apresentadores, em sua maioria, com transmissão ao vivo. No noticiário jornalístico, esses programas estão entre os principais das emissoras de rádio. Ferrareto (2001, p. 55) acrescenta como definição que o radiojornal

corresponde a uma visão radiofônica dos periódicos impressos, reunindo várias formas jornalísticas (boletins, comentários, editoriais, seções fixas – meteorologia, trânsito, mercado financeiro...- e mesmo entrevistas). Os assuntos são agrupados por editoriais, regiões geográficas, similaridade ou, mais recentemente, em fluxo. (FERRARETO, 2001, p. 55)

No I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo realizado no dia 30 de novembro de 2012, na ECA/USP, o assunto foi discutido. O evento aconteceu para celebrar os 90 Anos do Rádio no Brasil e possibilitou o diálogo entre pesquisadores, profissionais e docentes de radiojornalismo, como forma de estímulo aos estudos em graduação e pós-graduação, assim como incentivar uma discussão profunda sobre a reformulação do ensino e da prática de rádio. Foram 23 comunicações científicas, uma conferência sobre rádio de fronteira, uma homenagem aos 35 anos da Rádio USP e o I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo. De acordo com as discussões no Painel, de três a quatro semestres são

dedicados ao ensino do rádio/radiojornalismo, em média, nas Instituições de Ensino Superior do país.

Em geral, os conteúdos contemplam, num primeiro momento, a história e os fundamentos da produção para as mídias sonoras (como linguagem, gêneros e formatos), tópicos considerados básicos para a posterior ampliação do conhecimento na área. (MALULY, L. V. B. ; MACIEL, Suely, 2013, p. 959)

Esses fundamentos podem aparecer numa matéria específica (como “Linguagem e produção textual radiofônica”, “Técnica Redacional: Radiojornal” ou “Introdução ao rádio”) ou serem ensinados no início de disciplinas mais gerais, geralmente aquelas em que o aprendizado se volta para as peculiaridades do meio (como “Radiojornalismo”, “Jornalismo de Rádio”, “Produções Especiais” e “Produtos Radiofônicos”). “Nesse estágio, apresenta-se ao aluno o aprofundamento da teoria e da prática, com ênfase no exercício concreto de produção e acesso aos laboratórios e estúdios de áudio, além do desenvolvimento de atividades de estágio na emissora de rádio ligada à instituição, quando for o caso” (MALULY, L. V. B. ; MACIEL, 2013).

No evento supracitado, a prática em laboratórios de rádio foi apontada como instrumento primordial para a boa formação do aluno, sempre alinhada aos conceitos teóricos. Além da produção textual, ganhou destaque a importância do embasamento de todo o processo de produção para o rádio, como o aprendizado sobre softwares de áudio, gravação, edição, locução e sonoplastia.

Dessa forma, ainda que o fim precípua da formação em jornalismo de rádio seja o domínio da coleta de dados – calcada na pesquisa, na entrevista e na observação participante – e da produção textual para os diferentes gêneros e formatos, defendeu-se a elaboração e o controle integral, por parte dos alunos, de todas as etapas da produção de programas, incluindo roteirização, locução, edição, montagem de vinhetas, seleção musical, produção de trilhas, manipulação de efeitos sonoros etc. (MALULY, L. V. B. ; MACIEL, Suely, 2013, p. 960)

O atual cenário plurimidiático mudou a estrutura para o ensino de jornalismo de rádio, com a extensão dos espaços de aprendizagem, ultrapassando os limites da sala de aula. Se anteriormente, a produção dos alunos de comunicação normalmente ficava disponível apenas nas disciplinas, como exercícios ou como avaliações, hoje é oportunizada a disponibilização de conteúdos jornalísticos pelas mídias digitais ou mesmo pela transmissão na programação das emissoras de rádio universitárias ou comerciais. “O vínculo universitário entre emissoras

e instituições de ensino estabeleceu uma dinâmica para o fomento de projetos que fortalecem as relações entre as emissoras, seus parceiros (a comunidade acadêmica) e outros usuários (público e colaboradores) (MALULY, L. V. B. ; MACIEL, 2013).

Cicilia Maria Kröhling Peruzzo (2007) destaca a relevância de uma emissora de rádio nos cursos de Jornalismo. A autora enfatiza que

[...] os resultados de uma rádio em cursos de graduação certamente não se distanciariam em seu potencial de envolvimento, criatividade e conexão com a realidade. Nos cursos de comunicação a experiência seria ainda mais enriquecida no sentido do aprofundamento do aprendizado das técnicas radiofônicas mediante uma relação direta entre prática e teoria. Significaria sair da produção laboratorial intra-parede da instituição para uma produção radiofônica dirigida a comunidades reais, preferencialmente contando com a co-realização por parte delas. (PERUZZO, 2007, p. 93)

Apesar de todas essas possibilidades, o ensino do rádio apresenta uma série de desafios aos professores das disciplinas.

concorrência com a variedade sedutora das novas mídias até a necessidade da atualização constante de métodos, estratégias e propostas de ensino que deem conta da permanente ameaça de descompasso entre o saber teórico-prático discutido na academia e a evolução sem trégua dos aparatos tecnológicos e dos processos produtivos fora dela. (MALULY, L. V. B. ; MACIEL, Suely, 2013, p. 958)

Meditsch (2001) critica o ensino do rádio de maneira rasa nas faculdades de comunicação e não como prática que demonstra a importância do meio na atualidade. “Algumas de nossas melhores escolas de jornalismo consideram o rádio como um mero acessório, quase um enfeite, merecedor de uma mísera disciplina perdida no currículo e não levada muito a sério” (MEDITSCH, 2001).

Magnoni e Carvalho (2007) acrescentam que

a mensagem radiofônica parece aos leigos uma linguagem carente de elaboração cultural mais sofisticada. No entanto, é uma forma complexa de comunicação, forjada desde o início do século XX pela interação constante e direta do veículo com os contextos sociais e tecnológicos mutantes e cada vez mais internacionalizados. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/653/668> p. 178

Aos que, desde sempre, anunciam o fim do veículo e desmerecem a necessidade de um ensino específico das características próprias do meio, Meditsch deixa clara uma posição pessoal que, ao mesmo tempo, abarca uma tendência mundial.

Minha aposta é que o rádio assim definido - um meio de comunicação que transmite informação sonora, invisível, em tempo real - vai continuar existindo, na era da internet e até depois dela, e vai ser aperfeiçoado pelas novas tecnologias que estão por aí e ainda por vir, sem deixar de ser o que é. E não faço esta aposta apenas por ser um radioapaixonado, como quase todos os que trabalham com o meio, mas também por constatar que a utilidade deste tipo de serviço não está e nem será superada tão cedo em nossa civilização. Cada vez mais, as pessoas vão precisar ser informadas em tempo real a respeito do que está acontecendo, no lugar em que se encontrem, sem paralisar as suas demais atividades ou monopolizar a sua atenção para receber esta informação. Ou, atualizando o que observou o publicitário Bob Schulberg (1989), se o rádio tivesse sido inventado depois da internet (ele falou depois da TV), as pessoas iriam dizer: "que maravilhoso é o rádio: é como a internet, só que não precisa nem olhar" (MEDITSCH, Eduardo, 2001, p. 05)

Sendo assim, o rádio permanece como um espaço de aprendizado e, acima de tudo, como um meio de comunicação que se reinventa e apresenta inúmeras possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rádio se mantém como meio de comunicação significativo para a população brasileira. Apesar do surgimento de novas ferramentas, ele continua como representante da comunicação de massa, uma vez que está presente em diferentes momentos na rotina das pessoas. Com tamanha importância, o ensino dos que vão ser os mediadores dessa comunicação, os jornalistas, deve ficar o mais próximo possível da prática, propiciando que o aluno mergulhe nesse universo e supra as lacunas deixadas pelo ensino teórico.

O radiojornal se mostra como uma importante ferramenta para a tarefa de inserir o acadêmico à prática profissional. Com esse tipo de programa, o aluno tem acesso às diferentes funções intrínsecas a uma redação de rádio, possibilitando que esse futuro profissional se ambiente com as características do meio de comunicação.

Considera-se que o ensino de rádio ainda padece de algumas deficiências, principalmente devido à distância entre a teoria e a prática em diversos conteúdos da formação, porém, o radiojornal se mostra como uma das atividades que mais proporcionam que o acadêmico vivencie a profissão que escolheu e se torne um profissional mais bem preparado para trabalhar de forma adequada com esse meio de comunicação.

REFERÊNCIAS

FAG. **Manual de Normas para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos 2015**. Cascavel: FAG, 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur, **Rádio: o veículo, a história e a técnica**, Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

MAGNANI, A.; CARVALHO, J. **Polifonia pedagógica: reflexões sobre o ensino de radiojornalismo na era digital**. Revista Educação Temática Digital. V.8, n.2. Campinas: Unicamp, 2007. p. 176-191.

MALULY, L. V. B. ; MACIEL, Suely. **Painel sobre o ensino do radiojornalismo no Brasil**. Comunicare (São Paulo) , v. 13, p. 41-51, 2013.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O ensino do radiojornalismo em tempo de internet**. In DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sonia Virginia (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

MELO, José Marque de. **Repensar o ensino de jornalismo**. Revista imprensa. Ano 20, nº 222, abril de 2007

MELLO VIANA, Graziela Valadares Gomes de. **Imagens sonoras no ar: a sugestão de sentido na publicidade radiofônica**, 2009. 344 f. Tese. (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes (2009), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 2003.

PERUZZO, Círcia M. K. **Televisão Comunitária: Dimensão Pública e Participação Cidadã na Mídia Local**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PROPOSTAS de bases para a formulação do programa nacional de estímulo à qualidade da formação profissional dos jornalistas. FENAJ, 1997

<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>